

USP 80: Em Busca de Novos Caminhos

Carlos Guilherme Mota
Historiador e Professor Emérito da FFLCH-USP
Ex-Diretor e Professor Honorário do IEA

Agradeço o convite para falar aos meus colegas do CO nesta etapa de redefinição de nossa USP e retomada de um projeto de Universidade. Não é demasiado lembrar que **universidade é instituição especial**: não é quartel, nem sindicato, clube, aparelho ideológico ou igreja, nem pode admitir hábitos de, ou ser confundida com, repartição pública convencional.

Começamos do começo, com o grande educador Anísio Teixeira:

“Nenhum país do mundo até hoje julgou possível construir uma cultura de baixo para cima, dos pés para a cabeça. Para haver primário, é necessário que exista antes o secundário, e para que o secundário funcione é preciso que existam **universidades de alta qualidade**”.

Aos novos tipos de individualismo no País, o professor Anísio desferiu sua crítica:

“Somos isolados e hostis porque é isolada e hostil a forma de nos prepararmos intelectualmente para as lutas da vida e do espírito. Não cooperamos, não colaboramos, não nos solidarizamos com os companheiros, nem em ação nem em pensamento, por que cada um de nós é o centro do universo, e pensamos que só desse centro partirá a verdadeira ação e o verdadeiro pensamento. Ora, é esse isolamento que a UNIVERSIDADE deverá destruir, atenta aos novos tipos de individualismo”.

Nos anos 30 e 40 do século passado, quadro brasileiro de enormes desafios socioculturais, institucionais e **sobretudo mentais**, o professor Anísio apontava o caminho:

“A solução é construirmos UNIVERSIDADES DE FINS CULTURAIS de excelência: ou seja, grandes centros de irradiação científica, literária e filosófica no país. Não se trata de ela fornecer ‘acréscimos’ de conhecimentos; a Nação organizada será antes a consequência da coordenação que a universidade fatalmente desenvolverá”.

Portanto, que não nos enganemos com os “altos” ou “baixos” índices quantitativos de “produtividade”, que eclipsam ou sonégam a **dimensão qualitativa** de teses universitárias, livros, **AULAS e seminários**, ensaios e artigos, descobertas científicas, produções culturais, novas teorias, **de ideias enfim... O problema maior é o de saber se estamos formando professores de excelência (sobretudo para o 2º grau) para as redes municipais, estaduais e federais. Francamente, não creio. Está aí o desafio!**

Agradecimento

Agradeço, portanto, o convite que me foi feito, enquanto historiador, pelo Magnífico Reitor Marco Antônio Zago, para evocar alguns dados do passado nesta construção de **uma nova etapa da História da USP, que hoje se inicia.**

Nossos 80 anos estarão sendo celebrados ao longo de 2014: **há 80 anos, no próximo dia 17 de fevereiro, este Conselho teve sua primeira reunião. Aquela reunião foi histórica MAS a de hoje também é!**

No [volume 22 da revista Estudos Avançados](#) de nosso Instituto, que ora se recupera da depredação sofrida no final do ano passado, publicamos em 1994 um vasto balanço dos 60 anos da USP, abordando as Ciências Básicas e Humanidades, as origens e linhas de pesquisa e ainda perfis de mestres, em trabalhos assinados por Antônio Cândido, Aziz Ab'Saber, Alfredo Bosi (editor da revista), Maria Isaura Pereira de Queirós, José Arthur Giannotti, Bento Prado Júnior, entre outros. E também balanços sobre a intensa produção no vasto campo das Humanidades (muito prejudicadas na última ditadura). Lá estão depoimentos decisivos, como os de Pasquale Petrone, Florestan Fernandes, Eduardo Portella, Marcelo Damy, Miguel Reale e Fernando Novais, além de um extrato do decreto de fundação da USP.

A consolidação da USP desponta em todas as páginas, revelando-se a renovação constante em pesquisas no campo científico-tecnológico como na crítica histórico-sociológica e nas Humanidades. Descortinavam-se horizontes novos, desenhava-se um novo perfil de profissional universitário, logo referência nacional modernizadora. (Registre-se que a USP daria nascimento à SBPC e à FAPESP, às universidades públicas do interior paulista, e foi o polo animador nos anos 50/60 da impactante *Campanha pela Escola Pública, Democrática e Laica*, numa época em que predominava a abafada “cultura de campanário”. Isso e muito mais, além de aglutinar várias instituições de pesquisa que permaneciam isoladas, como a Escola Agrícola de Piracicaba e o Museu Paulista.

Em 2014, a hora é reencontrarmo-nos com nós mesmos, de produzirmos novos balanços para um salto no Futuro.

Pois bem. Marilena Chauí, em seu artigo crítico **USP 94: a terceira fundação**, enxerga 3 momentos na História da universidade: o primeiro, iniciado em 1934, a grande fundação; o segundo, iniciado em 1967, em que ocorreu a famigerada reforma de 70 que se prolongou até 1994, ano de seu estudo; e o da terceira fundação, sinalizando um período iniciado em 1994, e que *terminou (digo eu) em dezembro de 2013*. De fato, Marilena entende 1994 como ano da terceira fundação da USP, com a vitória do neoliberalismo e seus efeitos danosos em nossa instituição, estranhos mecanismos de avaliação universitária, produtivismo neocapitalista desataviado, com *rankings* mal-explicados. [Enfim, saímos do *andamento* e do tempo próprio de uma **universidade humanista** para entrarmos no *timing* dos executivos de plantão. Hoje, devemos fazer o caminho de volta].

O momento que hoje se inicia é pois de reversão desse modelo. Momento de novo renascimento universitário. De democratização com qualidade. Digamos que neste início de 2014 deu-se início à 4ª fundação!

A nossa USP vem sobrevivendo a uma série de administrações menos inspiradas ou mesmo obscurantistas como as dos ex-reitores Gama e Silva e Alfredo Buzaid. (Não mencionarei gestões mais recentes, por delicadeza). Nada obstante, e apesar deles, o balanço geral que se possa fazer é altamente positivo, em praticamente todas as frentes, unidades e *campi* da instituição. Principal universidade da América Latina, a USP é forte, e continua sendo referência nacional e internacional.

A hora é de reavaliarmos o passado com vistas à construção do futuro, construção coletiva como quer Dalmo Dallari, e *empenhada*, como propõe o professor Antônio Cândido. Pois parece haver um segmento da *intelligentsia* nacional que se comporta como se não acreditasse na Lei da Gravidade, ironiza o ex-Reitor Goldemberg,...

Só assim entenderemos quem somos nós, e o que valem. Enfim, entremos finalmente no século XXI.

A 1ª reunião do Conselho Universitário: 1934

a. O documento: a Ata. Local e participantes

Em 1934, a primeira reunião do CO foi singela, rápida e decisiva. E a Ata escrita em uma simples folha de papel almaço. Nada de pergaminhos, que viriam depois, com a definição dos espaços e corpo docente das novas Faculdades, contratações, brasões, regimentos e Estatuto, aulas, diplomas, o hino da USP e tudo o mais.

Foi no dia 17 de fevereiro de 1934, após muitas articulações, que se reuniu o 1º Conselho Universitário na Faculdade de Medicina, a convite do Secretário da Educação e Saúde Pública do Estado de São Paulo, composto por 11 professores, signatários da Ata elaborada sob a presidência do mais antigo funcionário do magistério superior, Professor Dr. Victor da Silva Freire, tendo este convidado para secretário o Professor Dr. Salvador de Toledo Piza, o mais jovem do Conselho. Dentre os signatários, destacam-se os nomes de Cantidio Moura Campos, do historiador Affonso de Taunay e de Henrique Rocha Lima, Raul Briquet, Lucio Martins Rodrigues, José de Melo Moraes e *Fernando de Azevedo*.

O primeiro a pedir a palavra foi Fernando de Azevedo, que propôs se consignasse em ata “um voto de louvor ao Governo pela criação de tão nobre e promissora instituição”. E propôs que o Conselho fosse incorporado ao palácio do governo, levar ao sr. interventor a notícia da instalação, naquela data, do Conselho Universitário. E, do mesmo modo, se dirigisse ao Secretário de Educação Dr. Altenfelder Silva, com o fim de fazer-lhe idêntica comunicação. Várias reuniões se sucederam para a escolha e posse do primeiro Reitor da USP, o Professor Reinaldo Porchat, da Faculdade de Direito, a 6 de junho de 1934. Dada a posse, o Secretário de Educação deixou o recinto, acompanhado até a porta por todo o colegiado reunido. Pronto, foi isso!

Da primeira reunião, já agora com o Reitor, participaram os membros anteriores mais Candido Motta, Benedito Montenegro, o grande articulador *Theodoro Ramos*, Sampaio Doria e o combativo Almeida Júnior.

As reuniões que se seguiram foram dedicadas ao Regimento Interno, ao Colégio Universitário, à definição do voto secreto e discussão dos regulamentos das diversas instituições componentes da Universidade. E também sobre a autonomia universitária. Montaram-se Comissões como a de Legislação e Recursos, mas o trabalho maior foi de ajustar os Regulamentos das antigas Faculdades ao Estatuto da nova Universidade recém-criada.

Os vários embates de 1934 a 1954 foram historiados por Ernesto de Souza Campos, em sua volumosa *História da Universidade de São Paulo* (1954), na qual se

registram inclusive os nomes dos membros do Conselho Universitário naquelas duas décadas. Entre eles, vamos encontrar, além dos já citados, Aypio Correa Neto, Antônio de Almeida Prado, André Dreyfus, Ernesto Leme, Ernesto Souza Campos, Eurípedes Simões de Paula, Flamínio Fávero, Aroldo de Azevedo, Canuto Mendes de Almeida, Linneu Prestes, Luiz de Anhaia Melo, Luciano Gualberto, Noé Azevedo, Paulo Sawaya, Raul Briquet, Sérgio Buarque de Holanda, Theodoro Ramos, Waldemar Ferreira.

Se avançarmos até os anos 60, iremos encontrar os nomes do liberal Reitor A. Barros de Ulhôa Cintra, do professor Eurípedes Simões de Paula e de Fernando Henrique Cardoso, representante dos docentes. E, claro, do Reitor cassado Hélio Lourenço, que se opôs à reforma de 1970.

b. O decreto de fundação da USP: o fator cultural

O decreto é de fácil acesso. (Veja-se o nº 22 da revista **Estudos Avançados**). Enxuto, direto, definidor da nova ordem institucional. Alguns pontos mais destacáveis são a **valorização da pesquisa**, a reafirmação da importância das Humanidades, a formação de professores para as redes públicas e a colocação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras **no centro do organograma da USP**. Anísio Teixeira diria que essa “menina dos olhos” de Júlio de Mesquita Filho era “a mais importante instituição educacional desde os gregos”... Pois nessa Faculdade far-se-ia a “ciência fundamental”...

c. Contexto histórico

Não houve uma relação mecânica entre a Revolução de 1932 e a criação da USP. Naquele ano, em janeiro, o Partido Democrático rompeu com o governo e, de julho até outubro, viveu-se a Revolução Constitucionalista de 32. Nesse ano teve início a Ação Integralista Brasileira, que atuou abertamente até 1937; depois, atuou subterraneamente. A Escola de Sociologia e Política de São Paulo foi criada em 1933 e seu secretário foi ninguém menos que Sérgio Milliet.

O clima era de notável efervescência cultural, com modernistas como Portinari e Flávio de Carvalho atuando e expondo. Em 1928, Mário de Andrade publicara **Macunaíma** e Paulo Prado o **Retrato do Brasil. Ensaio sobre a Tristeza Brasileira**. A indústria estava em expansão e nela atuavam lideranças como Roberto Simonsen, também co-fundador e professor de História na Escola de Sociologia e Política; dele ficou famosa a frase: “Perdemos a Revolução em 32 mas vamos ganhar no campo da cultura e da ciência”.

O ano de 1933 foi marcado também por eleições para a Assembleia Constituinte. Como resposta à Marcha integralista em São Paulo, organiza-se em 1934 a **Frente das Esquerdas contra o Integralismo**, fazendo eco ao **Front Populaire** na França de Léon Blum.

Foi no ano seguinte, 1934, que ocorreu a fundação da USP pelo interventor Armando de Salles Oliveira, cercado por uma plêiade de intelectuais ativos. Naquele ano, promulgou-se a nova Constituição Brasileira e Vargas foi eleito presidente da

República. Em 1935 é baixada a Lei de Segurança Nacional, dando poderes especiais ao presidente e é decretado o Estado de Sítio. 35, recorde-se, foi o ano da Insurreição Comunista.

Os intelectuais se radicalizavam: em 1930, em seu livro **O País do Carnaval**, Jorge Amado começava assim, com dureza:

“Diante da grandiosidade da natureza, o brasileiro pensou que isto aqui fosse circo. E virou palhaço”... “Este livro tem um cenário triste: o Brasil. Natureza grandiosa que faz o homem de uma pequenez clássica”... “Este livro é um grito. Quase um pedido de socorro. É toda uma geração insatisfeita, que procura a sua finalidade”.

Em todos os cantos do País grassava tal insatisfação, com Monteiro Lobato e Graciliano Ramos e Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, até os inquietos Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo propondo e falando da urgência de uma **Escola Nova**.

Uma redescoberta do Brasil estava se processando: desses anos datam as publicações de obras como **Casa Grande & Senzala** (1933) e **Sobrados e Mocambos** (1936), de G. Freyre, **Evolução Política do Brasil** (1933) e **Formação do Brasil Contemporâneo** (1936), de Caio Prado Júnior e **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda (1936).

Caio Prado Júnior, jovem, participou das discussões para a criação da USP, com Paulo Duarte, Júlio de Mesquita Filho, Mário de Andrade e outros. Muito esquecido, **Sérgio Milliet** foi secretário do Partido Democrático, trabalhou na biblioteca da Faculdade de Direito (1931-32), foi secretário da Universidade (nos seus primeiros anos) e ajudou a criar o Departamento de Cultura, com Mário de Andrade. Foi o maior crítico do século XX.

d. Ideias de Universidade: os educadores Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira

Fernando de Azevedo:

Foi o principal ativista, formulador e redator do projeto da Universidade de São Paulo. Desde logo adotou a tese de que a Faculdade de Filosofia deveria ocupar o centro do organograma da universidade, com a função clara de articular os diversos campos do saber cultivados diferentes escolas, institutos, laboratórios de pesquisa, de docência e de práticas. Liderando seus colegas, defendeu a USP (e, nela, a jovem e inovadora Faculdade de Filosofia) com vigor, inclusive quando o governador Jânio Quadros tentou interferir em sua autonomia.

Segundo ele, uma das missões primeiras da universidade seria a formação de quadros docentes para as redes escolares, a partir das disciplinas científicas e Humanas para, em perspectiva multidisciplinar, oferecerem esses docentes uma visão humanista aos alunos e pesquisadores. A formação de uma sociedade educada, bem instruída e com

domínio das novas metodologias de ensino e pesquisa dependeria desses professores. Enfim, as ideias da vanguarda educacional europeia e norte-americanas da era Roosevelt chegavam aqui.

Seu livro principal: *A Cultura Brasileira* (1943), um marco.

Vários outros livros, inclusive **História de Minha Vida**

Seus Assistentes: Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Ruy Coelho, Maria Isaura Pereira de Queirós, entre outros.

Co-sinatário do **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, com Anísio Teixeira, Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Venâncio Filho, Pachoal Lemme e outros (1932).

Fundador do Centro Regional de Pesquisas Educacionais da USP (CRPE), em sintonia com Anísio Teixeira, no Rio de Janeiro

Co-sinatário do **Manifesto dos Educadores (1959). Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, com Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Cruz Costa, Antônio Cândido, Cesar Lattes, Paulo Duarte, Miguel Reale, Sergio Buarque de Holanda, Fernando Henrique Cardoso, Daci Ribeiro, Ruy Colelho, Aziz Simão, Maria Isaura Pereira de Queirós, Amilcar Viana Martins e vários outros.

Escreveu ele em **A Cultura Brasileira** (p. 766), sua obra clássica de 1943:

“Não devemos exagerar no aspecto técnico da civilização, que estimule velhos instintos gregários e prepare *hordas de bárbaros mecanizados*.”

Anísio Teixeira:

Principal formulador pedagógico **em nível nacional** da História da Educação Brasileira, mente aberta para todos os campos das Humanidades, o professor Anísio centralizou uma **constelação de estudiosos dos mais brilhantes de nosso tempo**, atores decisivos na vida cultural brasileira, responsáveis pela construção do Brasil moderno.

Nossa *formação* enquanto Nação, no que tem de positivo, muito deve a essa plêiade. Um grupo-geração que inclui personalidades como Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, Bergson Lourenço, Frota Pessôa, Monteiro Lobato, Paschoal Lemme, Noemy da Silveira, Roquete Pinto, Cruz Costa, Cesar Lattes, Delgado de Carvalho, Paulo Duarte, Julio de Mesquita Filho, entre outros.

Sobre a chamada **Escola Nova**, bem definiu um dos maiores amigos de Anísio, Hermes Lima (um dos signatários do **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**, em 1932, e também baiano): Anísio Teixeira tornou-se um verdadeiro **Estadista da Educação**, título do belo livro que escreveu sobre a vida e obra do educador. Leitura deveras importante nesta época de carência de estadistas.

Anísio, um dos principais articuladores e subscritores do *Manifesto dos Pioneiros*, dava ênfase ao papel da elite, da qual o professorado deveria fazer parte, segundo pensava. Tal elite deveria ser selecionada “não pela diferenciação econômica, mas pela diferenciação de todas as capacidades”. Ou seja, por meio da seleção dos mais capazes dentro de suas aptidões naturais, de molde *que tais profissionais se sentissem com “bastante força para exercer influência efetiva na sociedade e afetar, dessa forma, a consciência social”* (Cf. **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova** (1932), em Paulo Ghirardelli Junior. **História da Educação**, São Paulo, Ed. Cortez, 1994, p. 72, no subcapítulo *O problema dos melhores*).

No ***Manifesto dos Pioneiros***, proclama-se:

“A Cultura Brasileira se ressentia, sobretudo, da falta de quadros regulares para sua formação. Em países de tradição universitária, a cultura une, solidariza e coordena o pensamento e a ação. No Brasil, a cultura isola, diferencia, separa. E isso, por que? Porque os processos para adquiri-la são tão pessoais e tão diversos, e os esforços para desenvolvê-las tão hostilizados e tão difíceis, que o homem culto, à medida que se cultiva, mais se desenraiza, mais se afasta do meio comum, e mais se afirma nos exclusivismos e nos particularismos da sua luta pessoal pelo saber.” (idem, p. 36)

Nesse quadro de enormes desafios socioculturais, institucionais e sobretudo mentais, o professor Anísio aponta o caminho:

“A solução é construirmos **UNIVERSIDADES DE FINS CULTURAIS** de excelência: ou seja, grandes centros de irradiação científica, literária e filosófica no país. Não se trata de ela fornecer ‘acréscimos’ de conhecimentos; a Nação organizada será antes a consequência da coordenação que **a universidade fatalmente desenvolverá**”. (ibidem)

e. O impacto da fundação da USP: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no centro do organograma

Antes de 1930, a vida universitária brasileira quase se resumia às escolas de Direito, Engenharia e Medicina. No forte discurso de paraninfo da primeira turma de licenciados da Faculdade de Filosofia da USP, **Júlio de Mesquita Filho** contestará o antigo paradigma universitário dessa trilogia, dizendo que “em 120 anos aqui se fez muito pouco para superarmos a inacreditável indigência cultural”.

Faz uma dura análise de cada aspecto do ensino superior de então (o que provoca a retirada do recinto de alguns professores indignados dessas 3 Faculdades), comenta as precariedades do ensino secundário (com professores recrutados entre formados por aquelas escolas, além de farmacêuticos, etc.) e passa a defender a missão da nova universidade.

Nas **Memórias** de Paulo Duarte, (vol. V, *Apagada e vil mediocridade. p. 88-90*), braço direito de Júlio de Mesquita, lemos:

“Ao sairmos da revolução de 1932, tínhamos a impressão nítida do que cabia a S. Paulo fazer. “Sabíamos, disse Julinho, a que terríveis aventuras nos tinham arrastado, de um lado, a ignorância e a incapacidade dos homens de antes de 1930. Quatro anos de experiências nos levaram à convicção de que o problema brasileiro era, antes de mais nada, **um problema de cultura**. Daí a fundação da Universidade e, conseqüentemente, a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras”.

E prossegue:

“A **Faculdade de Filosofia** surgia como o molde onde se fundiriam os futuros modeladores da juventude. “Procurando da maior consistência material à ideia universitária”, ela iria “dotar o país de um cérebro poderoso e coordenador que, a coberto da transitoriedade dos governos, pudesse gerar o sentimento, a vontade, a organização e a disciplina intelectual a que os povos verdadeiramente fortes devem as suas melhores vitórias”. Dela, originar-se-ia “**um movimento de transformação dos hábitos e métodos de ensino de todos os institutos universitários**”. Os formandos dessa Faculdade essencial dedicar-se-iam, de um lado, “à especialização para a prática do magistério secundário e, de outro, à cultura pela cultura”, atentos ao mundo em profunda transformação”.

Julio de Mesquita Filho termina o discurso fazendo votos para que: “os moços que saem da Faculdade de Filosofia não vissem nos governos fortes, hoje em voga, senão aquilo que na realidade são, isto é, casos que mais dizem com a patologia social do que com a política propriamente dita”

Paulo Duarte termina seu depoimento com a dúvida:

“A Faculdade de Filosofia transformaria mesmo as velhas e decrepitas escolas que vieram incorporar-se na Universidade, ou essas escolas é que iriam comprometer a Faculdade de Filosofia? E pensei, diz Paulo Duarte, naquela expressão do Armando de Salles Oliveira, quando fomos juntos à fazenda Butantã escolher a localização da futura Cidade Universitária: ‘Se nos derem dez anos ninguém pegará mais o Brasil!’...”

Talvez não tenha sido por acaso, como lemos no **Livro Negro da USP**, que a comissão que propôs a lista dos mestres a serem aposentados (cassados) tenha sido composta por 3 antigos professores daquelas escolas, e não por generais em Brasília...

ENFIM,

A hora é de retomarmos, com energia redobrada, **a batalha da Educação** em todos os níveis em cada sala de aula e em cada laboratório ou ateliê, sob a inspiração e à sombra do professor Anísio, um ser humano inquieto e gentil, e do combativo professor Fernando de Azevedo, iracundo defensor das liberdades acadêmicas e da formação educacional de excelência para a construção do País. Vamos revisitar o avançado **Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova**, nossos Estatutos e as propostas desses **pais-fundadores, para nos reorientarmos em direção a um futuro mais digno!**